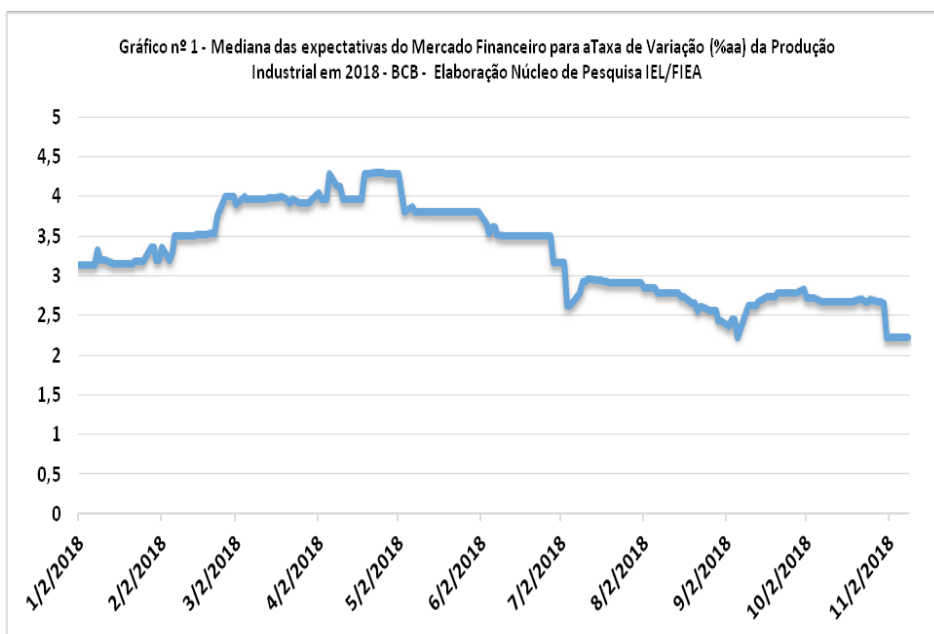




SÍNTESE DO PANORAMA CONJUNTURAL FIEA

CRESCEM OS SINAIS DE FRACA RECUPERAÇÃO DA INDÚSTRIA EM 2018

A indústria em 2017 apresentou crescimento de 2,5%aa, após três anos de resultados negativos. Em 2018 os sinais de recuperação apresentados até o mês de setembro apontam para um ritmo de crescimento abaixo do percentual obtido no ano anterior. Como pode ser observado no gráfico nº 1, em janeiro a mediana das expectativas do mercado financeiro para a taxa de crescimento da indústria em 2018 estava um pouco acima dos 3,0%aa, chegou próxima a 4,5%aa em abril e em setembro estava em 2,2%aa. Esta inversão das expectativas do mercado reflete a perda de dinamismo na margem (com ajuste sazonal) da produção física da indústria brasileira ao longo do ano e principalmente a partir de julho, mesmo com junho compensando em grande parte os efeitos da greve dos caminhoneiros em maio. Ou seja, em abril a taxa de crescimento da indústria em relação ao mês anterior foi de 0,9% e em setembro de -1,8%. Do ponto de vista do crescimento acumulado ao longo do ano fica claro a mudança de tendência na dinâmica da indústria a partir de abril, segundo os dados do IBGE. Comparando-se os períodos de jan/abr/18 com jan/set/18, no caso de bens de capital passa de 21,5% para 11,6%; bens de consumo duráveis de 14,2% para 8,5%; bens intermediários de 2,5% para 1,0%; bens de consumo semi e não duráveis de 2,4% para 0,1% e a industrial geral de 4,4% para 1,9%, respectivamente. Os mesmos sinais de desaceleração são observados quando se compara o crescimento da indústria nos últimos quatro trimestres em relação a igual período do ano anterior: 5,0% no 4tri/17; 2,8% no 1tri/18; 1,7% no 2tri/18 e 1,2% no 3tri/18. De acordo com a CNI, faturamento, horas trabalhadas na produção, emprego e utilização da capacidade instalada recuaram na passagem de agosto para setembro, após o ajuste sazonal. Massa salarial e rendimento médio registraram aumentos tímidos, sobretudo se comparados às quedas registradas nos últimos meses. É importante salientar que na passagem de agosto para setembro não só a indústria apresentou resultados negativos mas o mesmo comportamento foi observado nos setores de comércio e serviços, com retrações de 1,3% e 0,3%, respectivamente. Em função da queda nos três setores em setembro o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-BR), uma espécie de proxy do PIB mensal, registrou retração de 0,09% em



relação a agosto com ajuste sazonal. Com base nestes dados o departamento de economia do Bradesco passou a estimar um crescimento de 0,5% do PIB brasileiro no terceiro trimestre de 2018 e transição moderada para o quarto trimestre do ano. Os principais fatores que explicam tal perda de dinamismo da indústria continuam basicamente os mesmos apontados no Panoramas FIEA anteriores: um quadro de enfraquecimento da demanda que perdura desde 2015, apesar da melhoria observada a partir de 2017, em função do ainda elevado nível de desemprego, cerca de 12,5 milhões de pessoas desempregadas em setembro de 2018; dificuldade de acesso a crédito por parte das empresas configurando um quadro de racionamento de crédito, como mostram os dados do BCB na passagem de agosto para setembro do corrente houve retração de -8,1% na concessão de crédito as pessoas jurídicas; indefinição quanto a profundidade das reformas macroeconômicas (principalmente a da Previdência) e microeconômicas (extensão das privatizações). Do ponto de vista externo, persistência do quadro de incerteza em função da tensão comercial entre EUA e China, com reflexos nas cotações cambiais (valorização da moeda americana) e do petróleo (queda no preço do barril); crise econômica da Argentina, que tem um peso importante nas exportações de automóveis produzidos no Brasil; risco de agravamento da crise econômica na Itália em função da resistência do novo governo em dá continuidade ao processo de consolidação

fiscal, com reflexos importantes na economia da zona do Euro uma vez que a Itália tem o terceiro maior PIB da região. Apesar dos números da indústria em setembro, os indicadores de outubro de 2018 que começam a ser divulgados parecem indicar números melhores para a indústria no último trimestre do ano, como são os casos do Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) que, segundo a CNI, aumentou 0,9 ponto em relação a setembro alcançando 53,7 pontos; e o Índice Nacional de Expectativa do Consumidor (INEC), que alcançou 110,6 pontos em outubro de 2018, o maior valor desde o mesmo mês de 2014, quando registrou 112,0 pontos. Ademais, a incerteza associada a definição do quadro eleitoral deixou de existir e, como já sinalizado no Panorama anterior, o candidato eleito Jair Bolsonaro conta com a maior simpatia dos empresários e investidores, em virtude do maior alinhamento com sua agenda econômica, o que contribuiu para a melhoria das expectativas dos agentes econômicos. De qualquer forma, mesmo com a melhoria das expectativas o mais provável é um crescimento da indústria em 2018 abaixo do registrado em 2017 devido ao baixo dinamismo apresentado ao longo do ano. A própria CNI vem revisando para baixo suas projeções para o PIB industrial desde o início do ano: passando 3,0% para 1,8 e 1,3% nos três primeiros trimestres, respectivamente.

EXPECTATIVAS DE INFLAÇÃO CONTINUAM ANCORADAS

As medianas das expectativas de inflação para 2018, 2019 e 2020 de acordo com o relatório FOCUS, pesquisa semanal feita pelo Banco Central junto a cem instituições do mercado financeiro, continuam ancoradas abaixo do centro da meta com 4,13%aa, 4,20%aa e 4,0%aa, respectivamente. Estas expectativas estão refletindo a continuidade do lento processo de recuperação da economia brasileira, com o PIB crescendo abaixo de seu potencial, o que configura um quadro de hiato produto negativo e de menor pressão inflacionária; o ajuste para baixo nos preços das commodities em nível internacional, principalmente das cotações do barril de petróleo, em virtude da maior tensão comercial entre EUA e China, aumentando os riscos de recessão nos próximos anos, o que também reduz a intensidade dos choques de oferta sobre a inflação; apreciação cambial do Real provocada pela vitória do candidato mais alinhado com a orientação econômica do mercado diminuindo o impacto do choque cambial sobre o nível geral de preços. As expectativas para o comportamento benigno da inflação nos próximos anos têm levado ao ajuste para baixo das estimativas de algumas instituições para a taxa básica de juros selic em torno de 7,0%, abaixo um ponto

percentual da mediana do mercado para 2019, 2020 e 2021 que é de 8,0%aa. As justificativas para este cenário mais favorável para os juros básicos estão na ainda considerável capacidade ociosa da economia brasileira, o que permite respostas da economia sem gerar pressões inflacionárias; na continuidade da atual política monetária com a perspectiva de um Banco Central independente, contribuindo para ancorar ainda mais as expectativas inflacionárias; e, como já assinalado acima, menor risco de pressões futuras nos mercados de câmbio e de commodities. O mercado continua apostando no maior comprometimento do próximo governo com a agenda de reformas, principalmente a da previdência, abrindo espaço para a redução do risco país, menores taxas de juros futuras e maior sustentabilidade da relação dívida/PIB no médio e longo prazo. Assim como há uma perspectiva mais favorável quanto a agenda de privatizações e de melhoria no ambiente de negócios. Este quadro de maior otimismo do investidor e dos empresários de uma maneira geral tem se refletido nas cotações do risco país (IMBI+ do J.P.Morgan), que no início de outubro estava próximo de 300 pontos e em 13/11/2018 em 265 pontos. Movimento semelhante foi observado no CDS (Credit Default Swap)

do Brasil de cinco anos, um contrato de seguro contra inadimplência, que caiu neste mesmo período de 250 para 200 pontos. Todavia, apesar do maior otimismo do mercado financeiro e dos empresários do setor produtivo com a vitória de um candidato comprometido com uma agenda de menor intervenção do Estado na economia, ainda há muito ruído nas informações emitidas pela equipe econômica e é preciso cautela para se definir uma tendência para a economia e para os preços dos ativos em prazo mais longo, em função dos seguintes riscos: maior fragmentação do Congresso, o que vai exigir muita capacidade de negociação política para aprovação da agenda de reformas; grau de profundidade da reforma da previdência em função da resistência de algumas categorias, como a dos servidores públicos – civis e militares; velocidade de abertura da economia a partir da redução das alíquotas de importações, com impactos diretos sobre a indústria; extensão e velocidade das privatizações; dúvidas quanto a operacionalidade e eficácia da reestruturação ministerial proposta pelo governo eleito, com a extinção e fusão de ministérios; e maior instabilidade dos mercados em âmbito internacional, com reflexos sobre as taxas de juros e de câmbio.

A PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA EM SETEMBRO DE 2018

O desempenho da indústria brasileira em setembro de 2018 apresentou, no levantamento com ajuste sazonal, queda de -1,8%. Na comparação com o mesmo mês de 2017 a indústria registrou retração de -2,0%. De acordo com o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (IEDI), “no que diz respeito à indústria, não há nada a se comemorar no terceiro trimestre de 2018, sobretudo no mês de setembro. Foram três meses de perdas recorrentes de produção na série com ajuste sazonal, o que não ocorria desde final de 2015, um ano de crise aguda para o setor. Em setembro, a retração acabou contaminando o desempenho da maior parte de seus segmentos e dos parques industriais mais importantes do país.”

Ainda segundo o IEDI, o nível de utilização da capacidade instalada da indústria de transformação, de acordo com a série da FGV com ajustes sazonais, foi de 76,9% em setembro

Variações da Produção - Setembro - 2018 - %				
	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	-1,8	-2,0	1,9	2,7
Bens de capital	-1,3	3,9	8,5	9,2
Bens intermediários	-1,0	-2,6	1,0	1,7
Bens de consumo	-1,5	-2,0	2,4	3,2
Bens de consumo duráveis	-5,5	-4,5	11,6	13,1
Semiduráveis e não Duráveis	-0,7	-1,4	0,1	0,8
Extrativa Mineral	-0,3	0,3	0,2	0,2
Transformação	-1,4	-2,3	2,2	3,1

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração Própria.

de 2018, 0,9 p.p. maior do que o patamar de agosto e acima da utilização média do primeiro semestre de 2018 (75,9%). A despeito disso, o atual nível de utilização continua muito baixo, inferior à média histórica do próprio indicador (80,2%) iniciada em janeiro de 2001. A

trajetória trimestral média do indicador mostra que a melhora progressiva foi interrompida na passagem do 2º para o 3º trimestre de 2018: 74,6% no 4º trim/17; 75,5% no 1º trim/18; 76,4% no 2º trim/18 e 76,2% no 3º trim/18.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS- FIEA

Presidente
José Carlos Lyra de Andrade

1º Vice presidente
José da Silva Nogueira Filho

Diretor executivo
Walter Luiz Jucá Sá

Gerente UNITEC
Helvio Vilas Boas

INSTITUTO EUVALDO LODI – IEL

Diretor Regional
José Carlos Lyra de Andrade

Superintendente
Helvio Vilas Boas

Coordenadora de Inovação e Pesquisa
Eliana Sá

Elaboração
NÚCLEO DE INOVAÇÃO E
PESQUISA DO IEL/AL

EQUIPE TÉCNICA

Luciana Peixoto Santa Rita
Reynaldo Rubens Ferreira Junior

Laura Vitória Chagas Lins
Layne Mariela de Souza Santos Cordeiro
Lhara Maria Dias Magalhães
Luan Victor Ramalho de Oliveira